

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

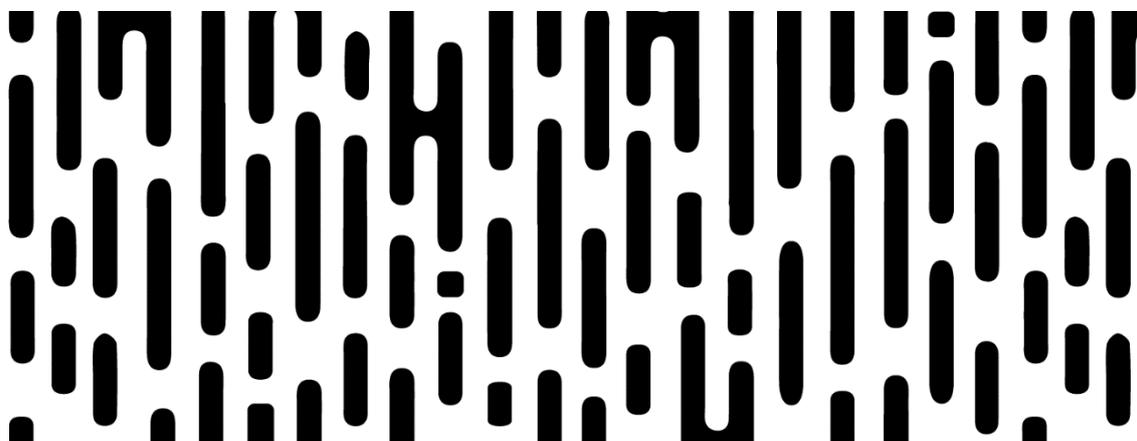
Texto Zagut: Isabela Simões

Ensaio crítico: Carlos Taveira

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



LIBERDADE, LIBERDADE, ABRE AS ASAS SOBRE NÓS!

Homenagem ao povo brasileiro



Hector Fleischmann, La guillotine - 1793

"Liberdade, liberdade!
Abra as asas sobre nós
E que a voz da igualdade
Seja sempre a nossa voz"

Inspiração: Hino da Proclamação da República
Leopoldo Miguez e Medeiros de Albuquerque (1890)
("Das lutas na tempestade/ Dá que ouçamos tua voz!")

Imperatriz Leopoldinense – samba enredo 1989
Jurandir / Niltinho Tristeza / Preto Jóia / Vicentinho

A Zagut propôs aos artistas um tema duro e essencial, que mobiliza intensas emoções. Liberdade tem recebido inúmeros ataques recentes no País, assim como já ocorreu na História em tantas ocasiões, com prejuízo enorme para toda a sociedade. As definições são variadas, por exemplo: grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal; nível de total e legítima autonomia que representa o ideal maior de um cidadão, de um povo ou de um país; poder de agir livremente, dentro de uma sociedade organizada, de acordo com os limites impostos pela lei.

As obras se remetem ao tema de formas as mais variadas: desde imagens que remetem a símbolos relacionados (como pássaros, caminhos), a denúncias como a escravidão moderna (Hélas! Um tema que exatamente nesta semana teve enorme importância, porque relacionado a sólidas empresas brasileiras), a guerra na Ucrânia, a violência na sociedade brasileira, entre outros.

O início de uma violenta ditadura que durou décadas irá completar em breve 60 anos. É importante que todas as aberrações ocorridas sejam lembradas, inclusive para quem se esqueceu ou não estava lá.

O Brasil que acolheu os portugueses já foi garroteado com censura. Como instrumento de dominação da colônia, as impressões eram proibidas, assim como a circulação de livros. Portanto as bibliotecas eram clandestinas, mesmo as ligadas a personagens religiosos. As pouquíssimas tentativas de impressão foram coibidas rapidamente. Isso durou desde o "descobrimento" até 1808, quando a corte, obrigada a vir para o País, criou a Imprensa Régia. Esta, porém, só publicava questões oficiais, todas avaliadas previamente pelo príncipe. Só em 1821 a liberdade de imprensa no Brasil dá os primeiros passos.

Na ditadura de Vargas, sob as botas da Constituição de 37 (outorgada pelo governo, que também autorizava a pena de morte), funcionou entre 1939 e 1945 o Departamento de Imprensa e Propaganda, com filiais em cada estado. O DIP exercia o papel de censura (“com o fim de garantir a paz, a ordem e a segurança pública”), habilitando o que seria condizente com o discurso nacionalista do governo. Existia um censor em cada veículo de imprensa. Apenas em 42, proibiu mais de uma centena de programas de rádio e de 400 músicas. Chegou a escrever 60% dos artigos que circulavam na mídia brasileira.

Muitos artistas foram perseguidos, como os pernambucanos Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso, Gilberto Freyre, Anibal Fernandes (este último chamava o prédio da secretaria de segurança de “Sorbonne da Rua Aurora”). Outros, como Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Villa-Lobos pressupondo que saíssem de sua “torre de marfim” erudita, tentavam uma relação harmônica com políticos. Wilson Batista e Ataulfo Alves tiveram cortes e adaptaram a letra do samba “O Bonde de São Januário”, de otário que não trabalha para operário que vai trabalhar. Anticomunismo dava a tônica, livros de Jorge Amado, de Freyre, dentre tantos outros, bem como os editados em outros idiomas, eram queimados publicamente. Até “Tarzan” foi censurado, não por seus trajes sumários, mas pelo emprego do termo “camarada”.

Um dos maiores aliados de Vargas, Agamenon Magalhães, propagava sua esdrúxula definição de liberdade: “Assegurar ao indivíduo liberdade de pensamento, liberdade de locomoção, todas as liberdades consubstanciadas nas Declarações dos Direitos da Revolução Francesa e Filadélfia; assegurar todas essas liberdades e dizer: morra de fome! a essa democracia não darei o meu voto, a minha colaboração, porque contra ela clama a minha consciência de cristão, minha cultura, clama o mundo atual”. O mesmo político tinha outras máximas: “Dantes o cidadão era livre porque podia agitar as massas, os parlamentos, as ruas, as fábricas, os quartéis. Que gerou essa liberdade? A desordem, o facciosismo político, as imposições regionais, a clientela partidária que devorava o tesouro, a imoralidade administrativa, os negócios, a exploração, enfim, do povo e do estado por um grupo. [...] Dantes, o patrão tinha a liberdade de despedir o seu empregado, como o empregado de deixar o seu emprego e parar a fábrica. Que gerava essa liberdade? As greves, os distúrbios sociais”.

Durante a ditadura que inicia em 64, foram inúmeros os episódios de censura aos diversos tipos de arte, que resistiam diuturnamente. A Constituição de 46 foi suspensa em 68 pelo AI-5. Muitos estudiosos vêm realizando trabalhos focados na produção artística desses anos, que foi batizada de “Brasilidade Revolucionária” por Ridenti. Nas artes plásticas, além dos artistas que fizeram obras relacionadas ao contexto da falta de liberdade, como Cildo, Helio, Vergara, Zilio, entre tantos, os episódios de boicote à Bienal de São Paulo, que ficou bastante enfraquecida durante os anos de ditadura, foram emblemáticos.

Dulce Pandolfi (2018) refere: “a tortura que existia desde a colônia, não foi exclusividade nem do Estado Novo, nem do regime militar; ela continua sendo acionada até os dias de hoje”. Segundo Gregório Bezerra, torturado nas duas

ditaduras: “Prender, torturar e matar era privilégio da Polícia Política na era Vargas. Em 64, prender, torturar, matar, fazer desaparecer, poderia ocorrer por intermédio do Exército, ou da Marinha, ou da Aeronáutica, ou da Polícia Federal, Militar ou Civil. No Estado Novo, bacharel era preso e não era torturado. O sistema militar não respeitou nem crianças”.

A constituição cidadã de 88, que veio após esse último tenebroso período sem democracia no país, coloca, no seu artigo 220: “a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição. É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística”.

Entretanto, esse Brasil que ficou três séculos proibido de ler, que passou por ditaduras no século passado, ainda tem dificuldade de lidar com a liberdade, e por isso é tão necessário falar sobre o tema. Até porque, lamentavelmente, os episódios continuam muito atuais.

Em 2017, a exposição *Queermuseu* – Cartografias da diferença na arte brasileira, no Santander Cultural, em Porto Alegre, foi fechada precocemente. Foi trazida com uma ação de financiamento online para o Parque Lage, no Rio de Janeiro. Muitos intelectuais se posicionaram, foram escritos livros e artigos a respeito. Silva (2021), se debruça nas publicações “Arte censura liberdade: reflexões à luz do presente”, organizado por Luisa Duarte em 2018 (após a publicação da maioria dos artigos na revista *Jacarandá* sob o título *Brazilian Art under Attack!*) e Dossiê Censura e Políticas Culturais, organizado por Cayo Honorato e Graziela Kunsch, também em 2018, na publicação Políticas Culturais em Revista, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Por causa de visão de mundo muito distinta, entre “censura” e “boicote”, no caso da exposição, os organizadores da segunda publicação, Honorato e Kunsch, entendem que “uma base comum para o diálogo entre defensores e detratores da arte não pode mais ser pressuposta”. E continuam: “as artes são um alvo particularmente fértil para guerras culturais como a que movimentos de direita decidiram deflagrar no Brasil”, pelo fato de “expressões artísticas confrontarem códigos morais tradicionais”. Houve uma surpresa com relação às versões pouco fiéis que circularam, ataques a frequentadores de museus, o encerramento da mostra, com retirada das obras por policiais, um clamor de parte da sociedade sobre fechamento de museus e classificação etária, além de depoimentos de curadores em instâncias jurídicas. Esse cerceamento da liberdade de expressão, evidencia a contradição hipócrita de indivíduos considerados como da extrema direita para posicionamentos diversos, como a liberdade ao de porte de armas, questão com robustos estudos nacionais e internacionais mostrando o prejuízo que causa à sociedade.

O autor pontua que alguns mecanismos de resposta, no que pode ser chamado de “Guerras Culturais”, como foi a remontagem da exposição, provavelmente não sejam suficientes, considerando que em muitas áreas há uma parte da sociedade que deseja o estado tradicional de coisas. O cenário vem mudando paulatinamente, mas de forma ainda pouco célere, mediante um

arcabouço jurídico que se consolida, seja em relação a racismo, machismo, homofobia, violência contra crianças, direito de domésticas, aborto em casos específicos, avaliação de crimes durante a ditadura, entre outros. Vale ressaltar que dirigentes desses movimentos de direita conseguiram notoriedade e foram eleitos para cargos públicos, mostrando outros interesses em ativar o “pânico moral”, por exemplo ao ligar nudez com crime sexual, como já ocorreu anteriormente na humanidade tantas vezes.

Em sua tese sobre Ativismo Poético, Pedro Eboli (2021) assume a “permeabilidade infinita entre a arte e a não-arte”. Debruçando-se na interseção entre arte e política, que residiria em sua capacidade de “retirar momentaneamente as coisas dos lugares que geralmente ocupam no mundo, deflagrando novos modos de percebê-lo”. Enumera efeitos que a arte pode provocar: além de uma simples mensagem a ser transmitida, denúncias e tomada de consciência, há ainda a possibilidade de rearticular sentidos. Busca aquilo que, nas palavras de Rancière (apud Eboli, 2021) produz fissuras na “partilha do sensível”: uma “partilha do que é visível e do que não o é, do que se ouve e do que não se ouve”. A ligação entre arte e política se dá nos âmbitos do espaço e do tempo, a partir de uma experiência de conformidade ou de ruptura com uma certa distribuição de visibilidades, de significações e de sujeitos. Esse autor considera que a política se delinea no “espaço de ocupações comuns”, seja por exemplo de objetos, de sujeitos, bem antes de ser uma luta ou exercício de poder.

Durante os últimos anos, a morosidade na liberação de obras artísticas foi uma forma de sabotagem. Dentre inúmeros episódios, chegou a ser retirada propaganda do Banco do Brasil porque os personagens não constituíam a imagem de uma “família de bem”. Abundam episódios para serem listados, infelizmente: ex-presidente Fundação Cultural Palmares, Sérgio Camargo, e o ex-secretário da Cultura, Mário Frias, referindo que Wagner Moura no filme Marighella seria racista; a solicitação do Ministério das Relações Exteriores para retirar filme sobre Chico Buarque do 8º Festival de Cinema do Brasil; a Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom) criticando Petra Costa e seu documentário Democracia em Vertigem, indicado ao Oscar, visto como “contra a nação”.

A reflexão de 1947, escrita há incríveis 76 anos, de Auden, em seu texto “Reflections on Freedom and Art”, em resposta ao estudo da UNESCO sobre fundamentos filosóficos dos direitos humanos, continua incrivelmente atual:

“A arte não influencia e não pode influenciar a escolha ou o julgamento que o homem efetivamente realiza, apenas faz com que essa escolha seja mais consciente.

Ler Macbeth, por exemplo, não pode impedir que um homem se torne um assassino, mas o homem que leu Macbeth sabe mais sobre como seria tornar-se um assassino do que o homem que não o fez, de modo que, se escolher tornar-se um assassino, ele é mais responsável.

A arte, em outras palavras, nunca é um meio para converter uma comunidade ruim em uma boa, mas é um dos melhores meios pelos quais comunidades fechadas se transformam em comunidades abertas”.

Ditadura nunca mais! Tortura nunca mais! Que a arte ajude a transformar!

Bibliografia:

<https://pt.unesco.org/courier/2019-1/reflexoes-liberdade-e-arte>

<https://www.historiadaditadura.com.br/post/a-arte-sob-ofensiva-a-censura-entre-perman%C3%AAncias-e-transforma%C3%A7%C3%B5es>

<https://revistapesquisa.fapesp.br/arte-de-ser-contra/>

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618641-as-artes-e-a-cultura-contra-a-censura>

de Souza, L. A imprensa régia o tardio nascimento da imprensa no Brasil. VERBUM (ISSN 2316-3267), v. 9, n. 1, p. 310-323, mai. 2020

Eboli, P. C. Ativismo poético insurgências constelares no Brasil contemporâneo. Tese de doutorado, PUC RJ 2021.

Pandolfi, D. C. **Censura no Estado Novo. Concinnitas, ano 19, número 33, dezembro de 2018 103**

Silva, D. M. Artistas, curadores e instituições perdidos e assustados numa escuridão repleta de fantasmas demasiado reais: a hora do contrapúblico e das guerras culturais. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021

“A liberdade, Sancho, não é um pedaço de pão”

Dom Quixote

LIBERDADE – Carlos Vinicius Taveira

A liberdade é uma construção cultural que varia conforme o contexto social e uma série de questões cotidianas. Na área da arte, que atua como instrumento de criação, e simultaneamente, fruto das interações entre os seres entorno do conceito, essa palavra adquire enorme polissemia.

A “liberdade” não se manifesta sem estar articulada a um conjunto de outras ideias. Entre elas, é preciso que a liberdade seja experimentada perante alguma coisa. Nesse ponto vislumbramos uma problemática que envolve diversos atravessamentos e que merece análise caso a caso.

Praticar a liberdade, ou seja, “ser livre” varia diante de cada situação. Na história da Arte o quadro “Liberdade guiando o povo” de 1830 do pintor francês Eugène Delacroix é um dos emblemas na memória coletiva ocidental quando lembramos do conceito.

Trata-se de uma obra realizada no período romântico em que é personificada a liberdade na figura de uma mulher que lidera o povo rumo a ação. No tortuoso período político do século XVIII e XIX francês, a pintura de Delacroix foi um símbolo na luta por direitos.

Porém, é necessário uma abordagem mais complexa das imagens e dos prováveis sequestros para determinados fins. O século XIX viu uma França em luta pela liberdade, e simultaneamente, participando de processos neocolonialistas em diversos locais do mundo. A “liberdade” possuía ambiguidade em sua construção e utilização.

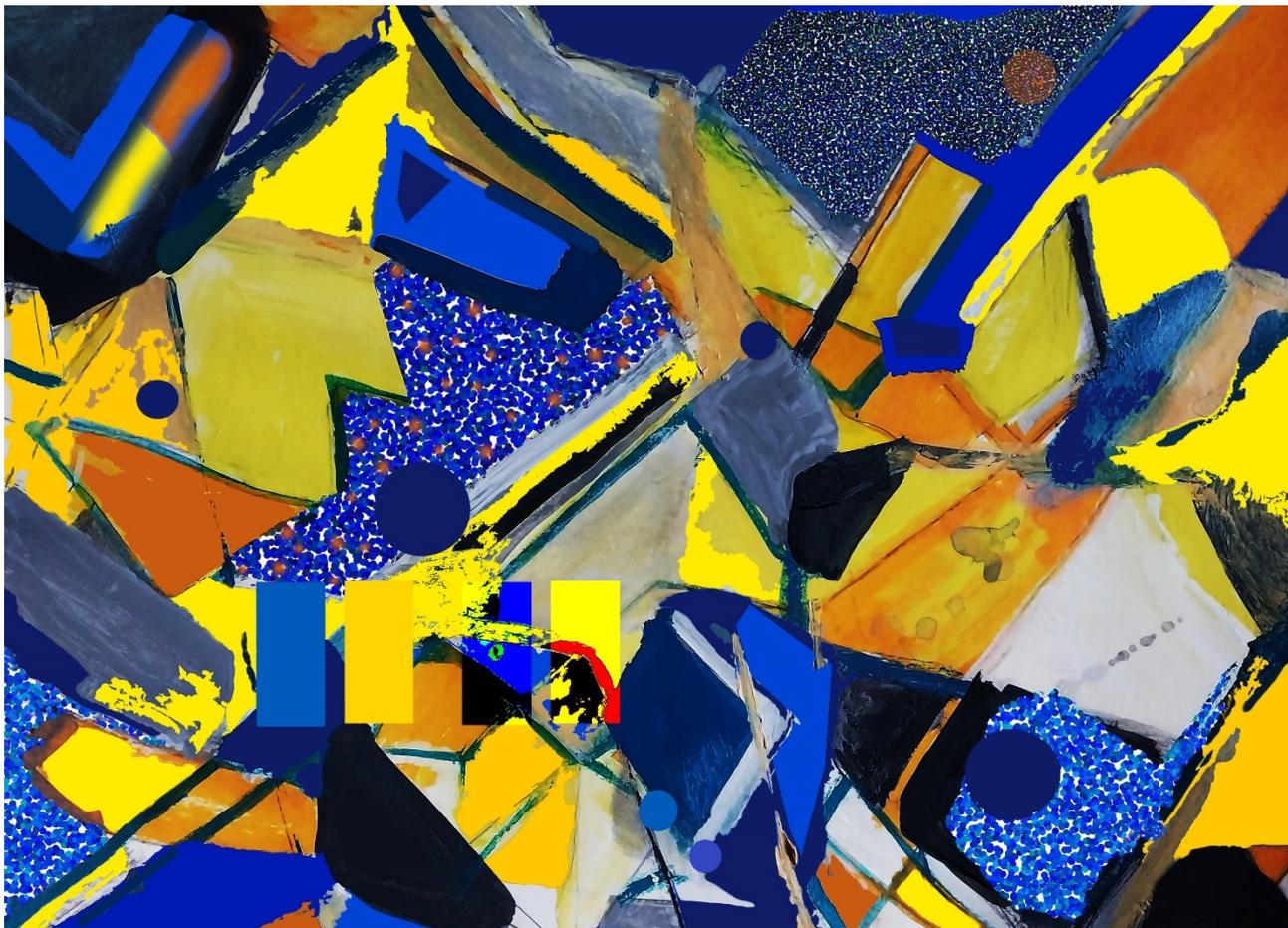
Em outros momentos da história, a arte precisou lutar pela liberdade e pela possibilidade de simplesmente existir. Foram inúmeras censuras e proibições, ou mesmo, impossibilidades de realização econômica que a própria obra de arte se transvestiu de liberdade.

Por fim, para pensar a pluralidade e os limites do que significa “liberdade”, além de suas contradições, a exposição organizada pela Galeria Zagut provoca os artistas a mobilizarem sua sensibilidade e criarem arte sobre um tema tão profundo e necessário para os dias atuais. Como dizia Sartre “somos condenados à liberdade”, e partindo dessa premissa, cabe explorarmos a melhor forma de nos relacionarmos com o assunto.

Bibliografia.

NOVAES, Adauto (org). *Libertinos libertários* São Paulo: Cia das Letras, 1996.

Adriana Montenegro



Cores da liberdade -- pela Ucrânia livre; técnica mista, impressão em papel
Hahnemühle Museum Etching 350gr.; 60 x 43 cm; 2022

Adriana Moura



Pássaro azul; arte digital, impressão Fine Arts s/ papel; tiragem 5; 29,7 x 21 cm; 2023

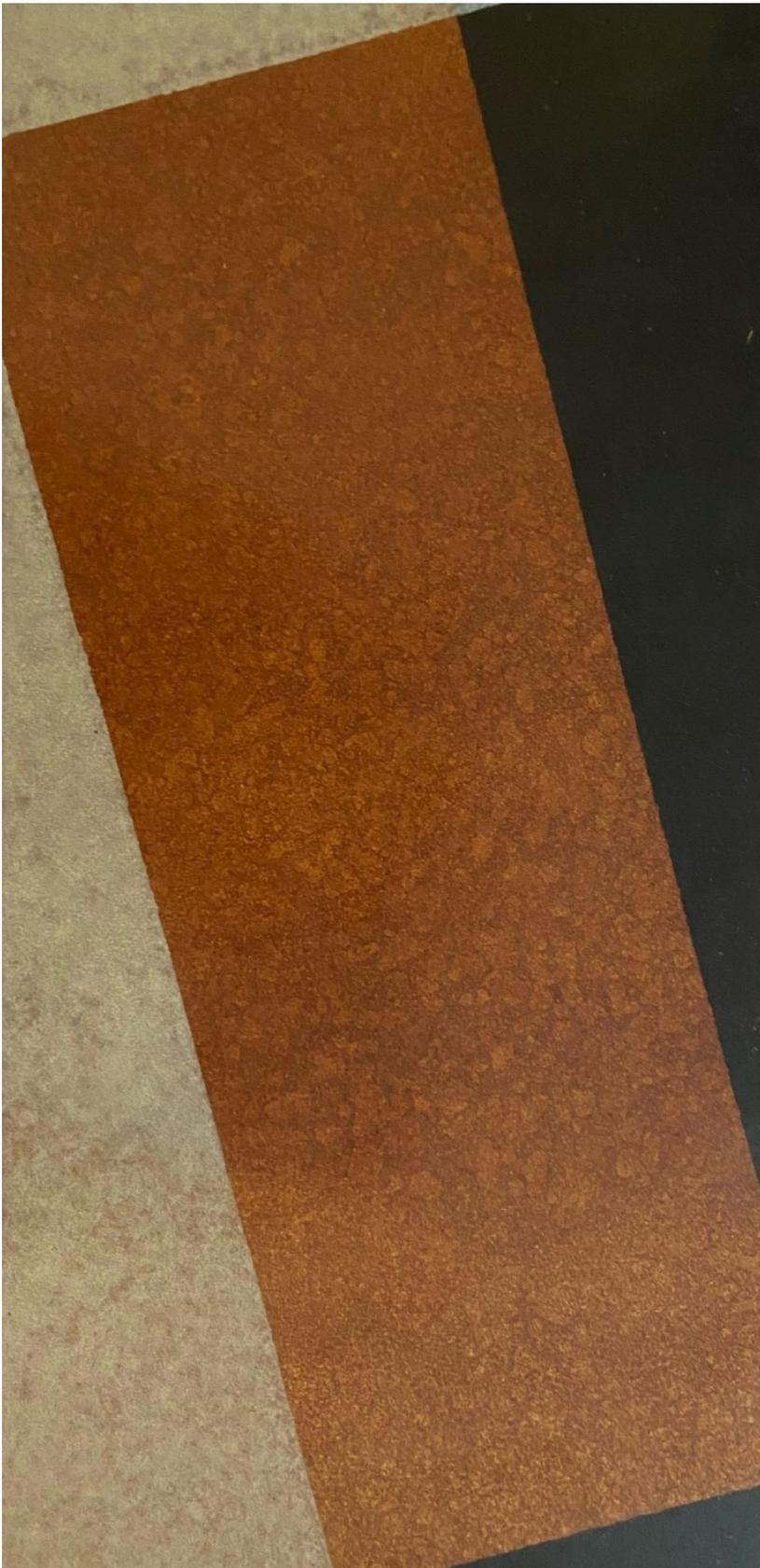
Ana Luiza Mello



Alegria; desenho; 21 x 29 cm; 2023

A liberdade de um povo pode estar contida na manifestação da sua cultura e alegria.

Ana Schieck



Metafacto; água-tinta s/ papel; 29 x 15 cm; 1992

Augusto Herkenhoff



Escravos; desenho s/ papel Fabriano 180 g.; 30 x 42 cm; 2022

desenho publicado no livro Desenhos pretos, 279 páginas em papel Couchê 150 g., tiragem 500, 2022, Editora Zit

Belladonna



Libertas; acrílica s/ tela fora do chassi; +/-49 x 39 cm; 2023

Benjamin Rothstein



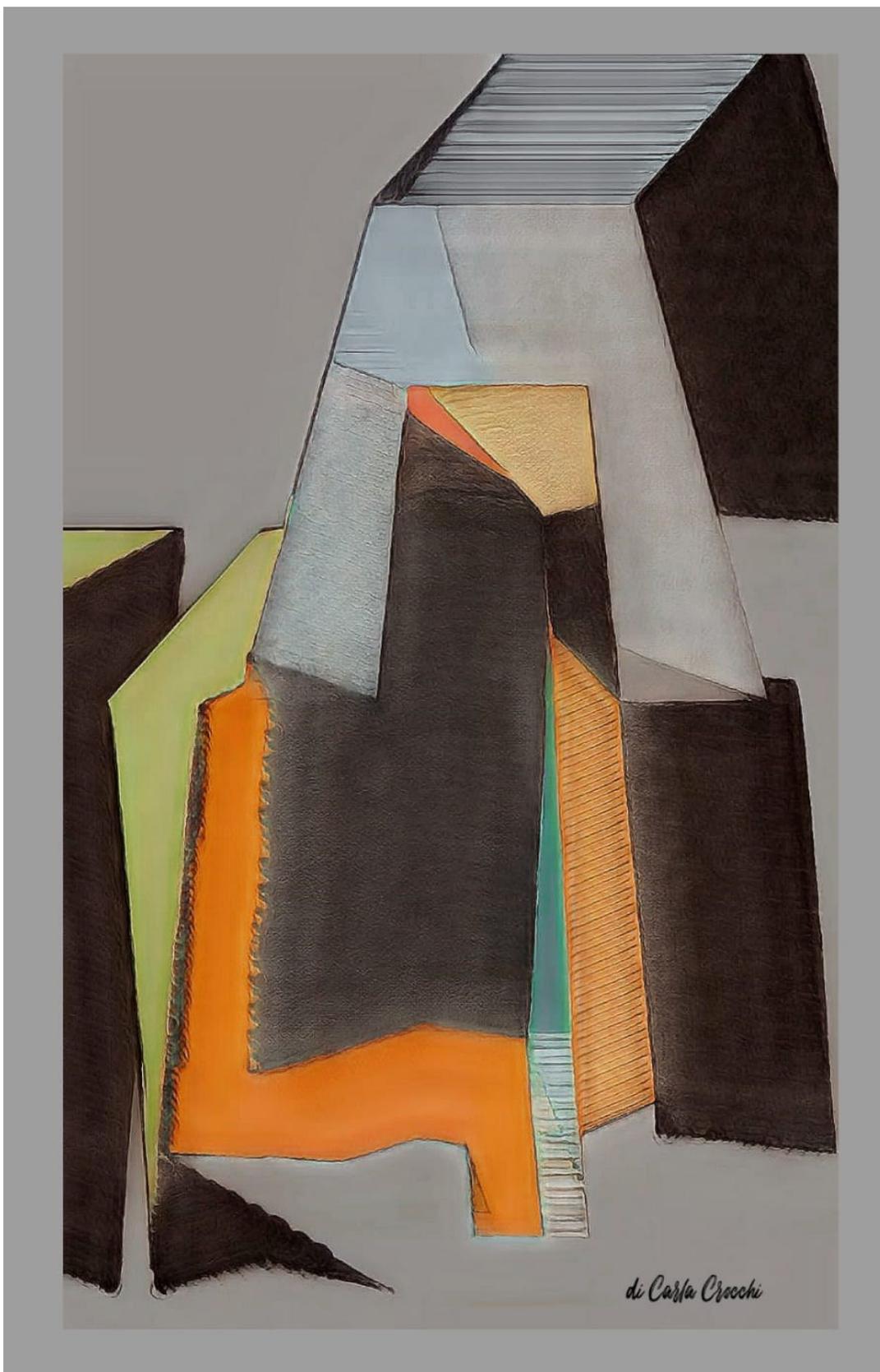
Os Obstáculos; técnica mista: giz, pastel seco, acrílica, óleo s/ tela; 125 x 150 cm; 2023

Bia Torres



Folhas; acrílica s/ tela; 40 x 40 cm; 2022

Carla Crocchi



Superfícies 2; arte digital; 70 x 90 cm; tiragem única; 2023

Cerise E



Sonhos infinitos; arte digital; 30 x 30 cm; tiragem única; 2023

Conceição Durães



Recordação Escolar; arte digital; 30 x 40 cm; tiragem 1/5; 2023

Cunca Bocayuva



Luta pela liberdade; desenho digital impressão fine art; 23 x 40 cm; tiragem 6; 2023

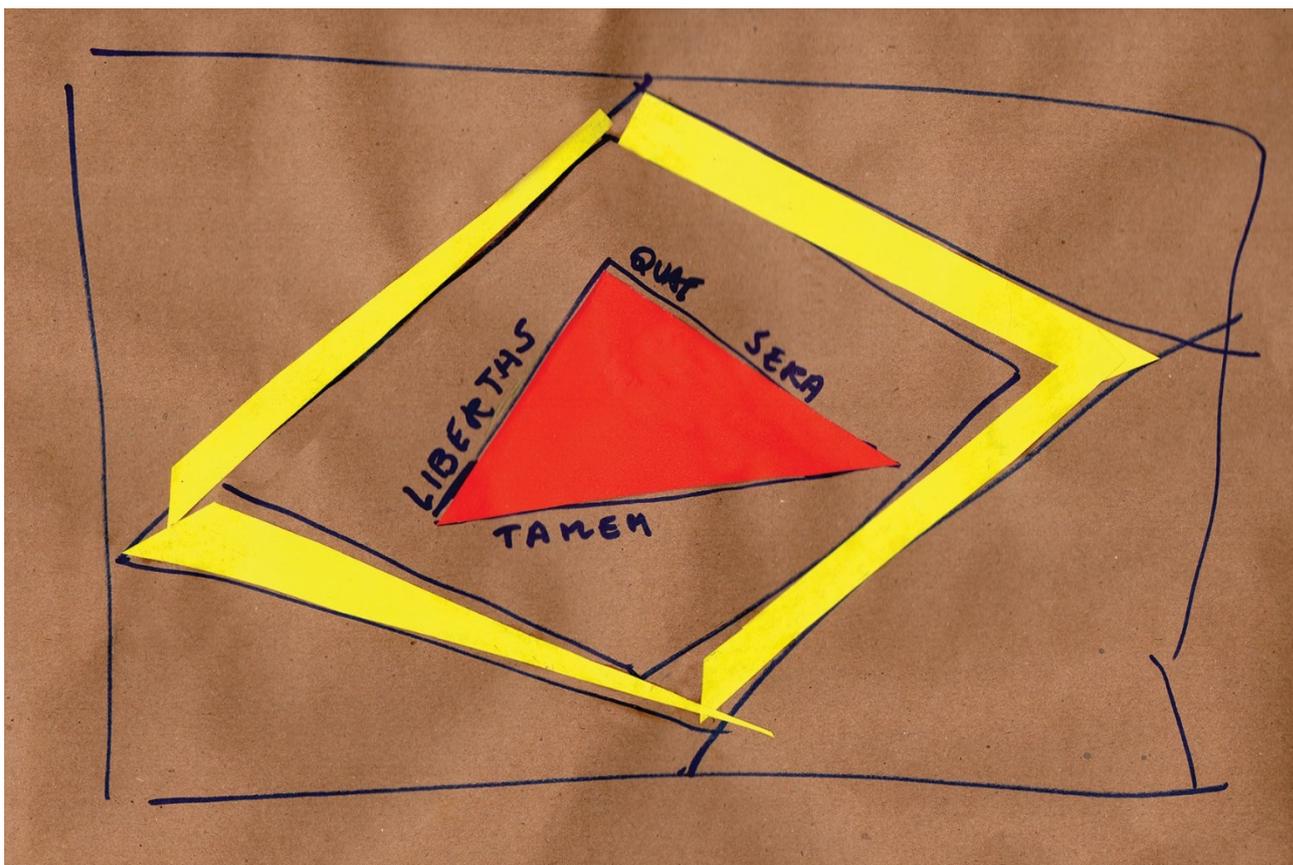
Eduarda Serra Barreto



Patinateran; desenho s/ papel, composição fotográfica e digital, impressão fine art; tiragem única; 40 x 35 cm; 2023

Patinateran (cinta do inimigo) é uma das cerimônias de maior brilho. Obra em homenagem a minha tia Felicitas Barreto (1910 - 2003), bailarina e pesquisadora, foi imortalizada na mitologia Kaiapó como Anchu-nuno a sereia do mar, que encontrou sua liberdade na ancestralidade das danças e do folclore brasileiro. Caruru, Fandango, Congo, Kaoapi, Catetere, Mundukuru e Patinateran, a dança dos guerreiros vitoriosos da tribo Munduruku da região Tapajós.

Gardenia Lago



Libertas; desenho e colagem s/ papel pardo; 33 x 23,4 cm; 2023

Graci Kaley



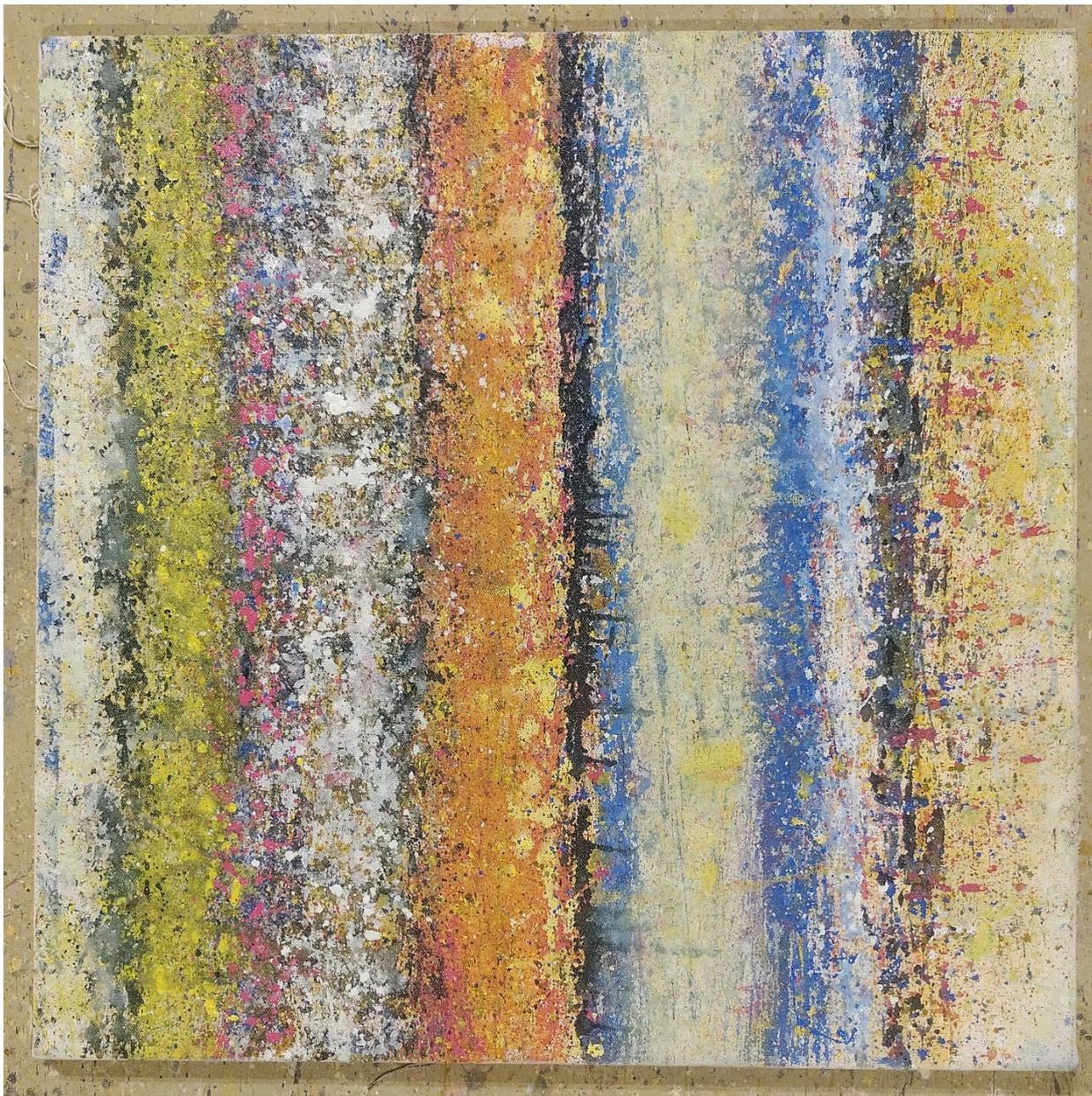
Tramas da liberdade; acrílica s/ tela, técnica mista; 40 x 40 cm; 2020

Gringo Carioca

O BRASIL DE LUTA

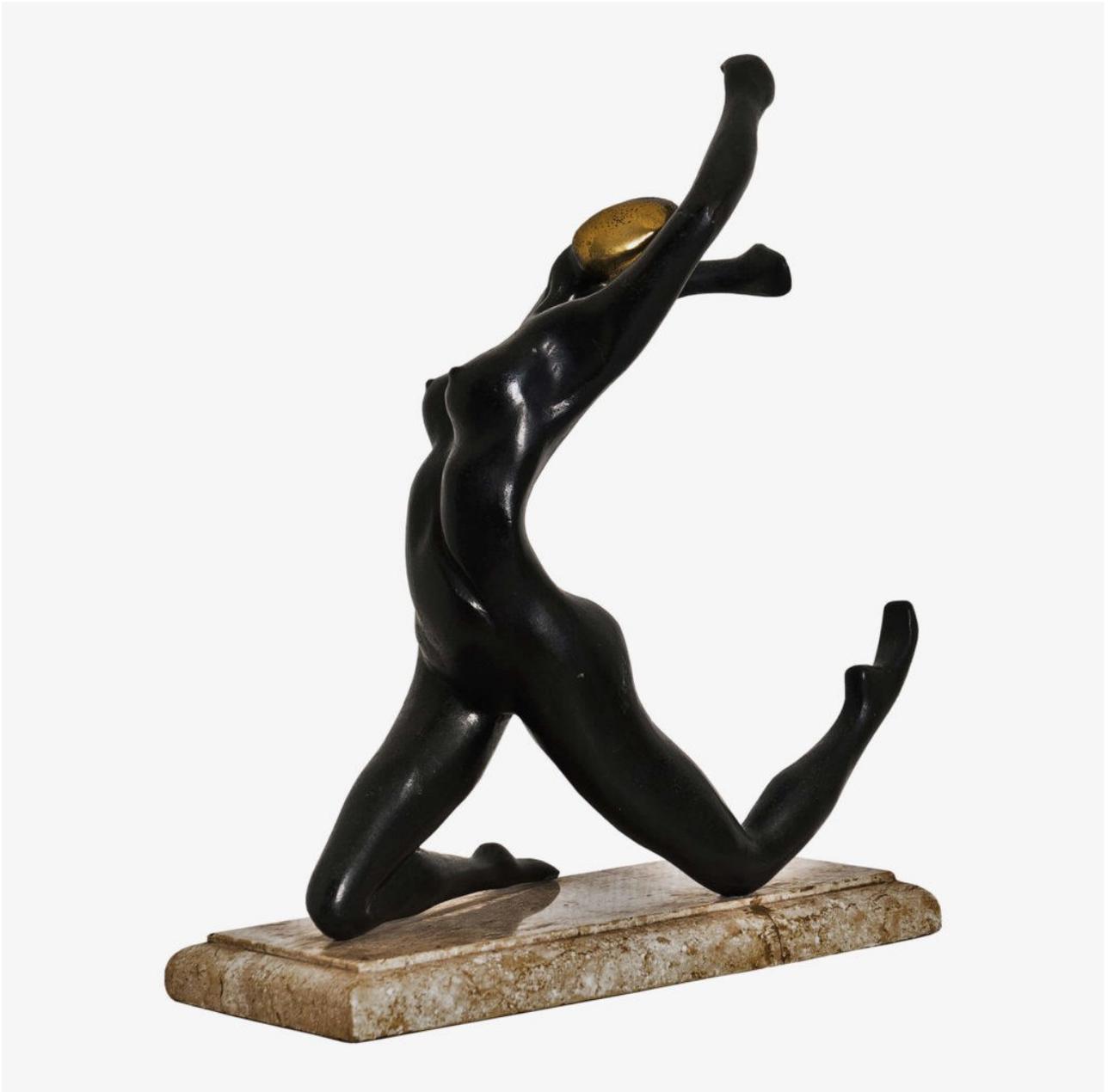
Luto (a); arte digital, impressão fine art; 29 x 42 cm; tiragem 10; 2018

Guto Goulart



Sem título; acrílica s/ tela; 50 x 50 cm; 2023

Heli Freireg



Sylvia; bronze com pátina; 16 x 38 x 48 cm; 1997

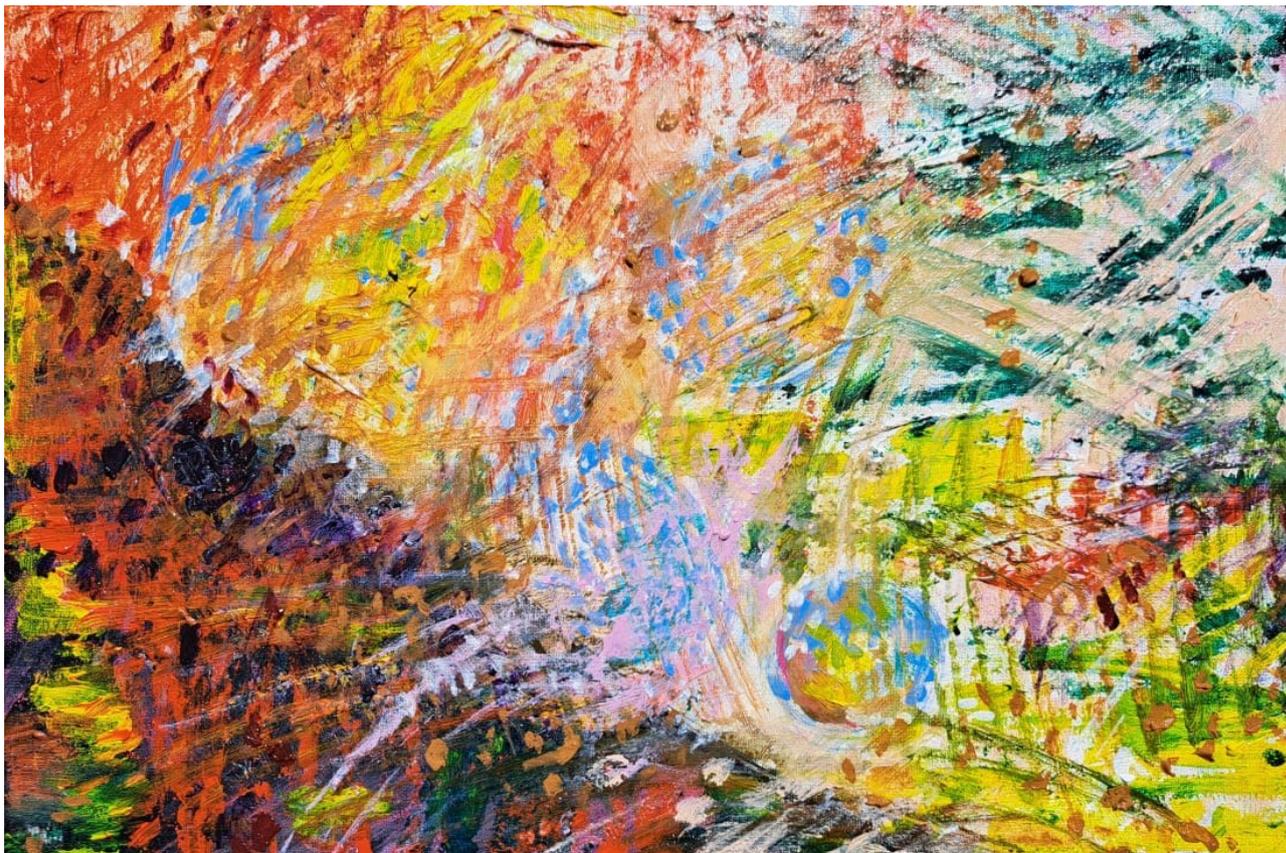
Sylvia representa a mulher forte, decidida, livre em busca de suas conquistas e feliz com a força do seu viver.

Heloísa Alvim



Sem título; escultura de parede em Gree; 36 x 24 cm; 2023

Ilda Fuchshuber Falacio



Liberdade em estudo; acrílica s/ tela; 35 x 25 cm; 2023

Iraceia de Oliveira



Liberdade, Povo Brasileiro; técnica mista: oratório em madeira, acrílica, colagem; 37 x 15 x 9 cm; 2000

Isabela Bentes



Série Quero meu corpo de volta; fotografia e sobreposição impressa em azulejo; 20 x 20 cm e 15 x 15 cm; 2016

Isabella Marinho



Sem título; grafite s/ papel Canson; 30 x 42 cm; 2021

Izaura Lima



Série Pernas – Mulheres I; óleo e acrílica s/ tela; 50 x 70 cm; 2022

Jorge Cerqueira



Dias que vivemos; aquarela s/ papel japonês colado s/ tela; 150 x 100 cm; 2023

Lando Faria



Sem título; fotografia, impressão fine art; 40 x 40 cm; tiragem 10; 2023

Laudy Mendes



Liberdade; acrílica s/ tela; 180 x 50 cm; 2023

Lenn Cavalcanti



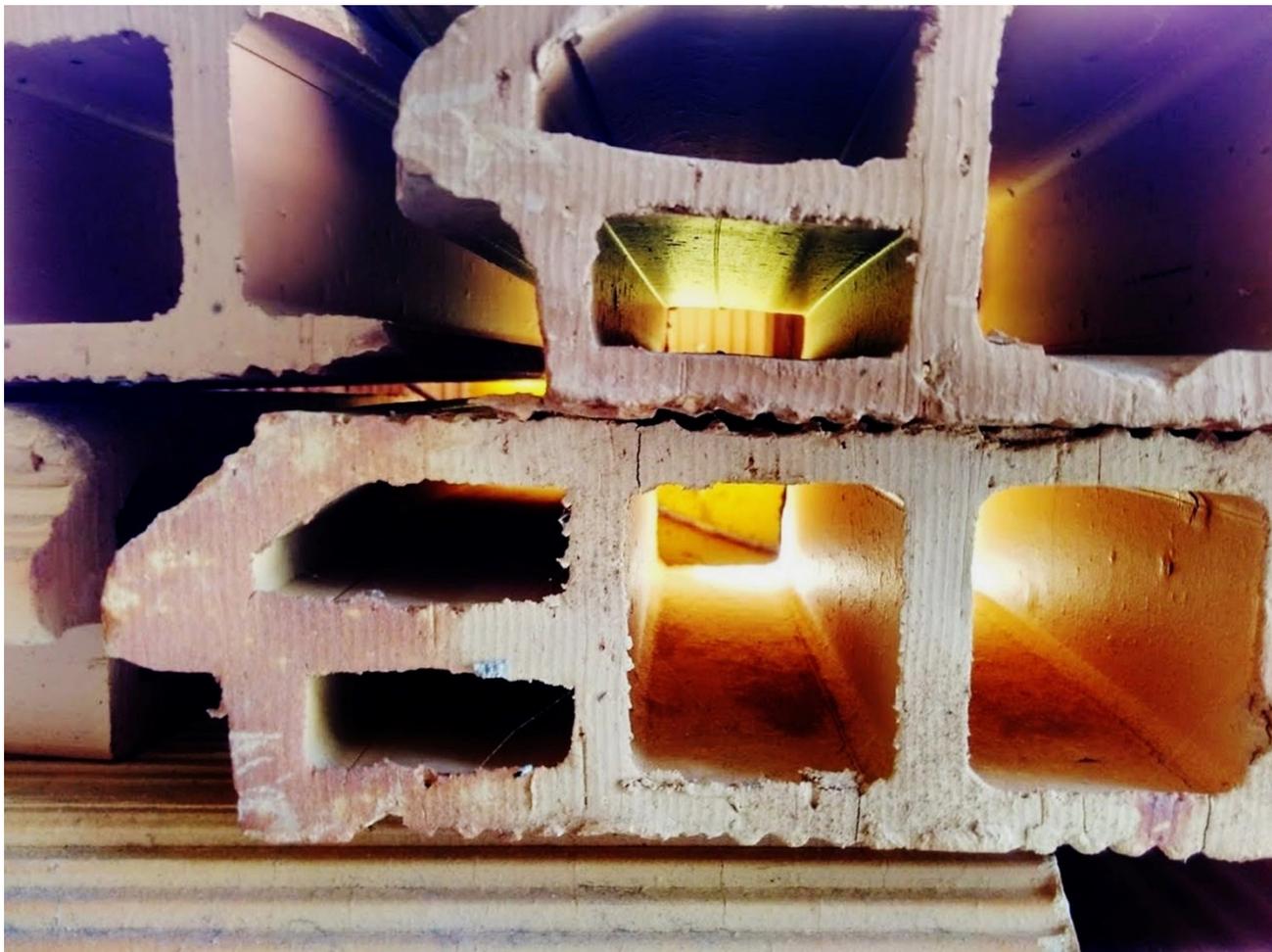
Vastidão; acrílica s/ tela; 60 x 60 cm; 2023

Lia do Rio



Sem Título; caminho de folhas, jardim, muro e calçada, impressão fotográfica;
40 x 60 cm; tiragem única; 1991

Liana González



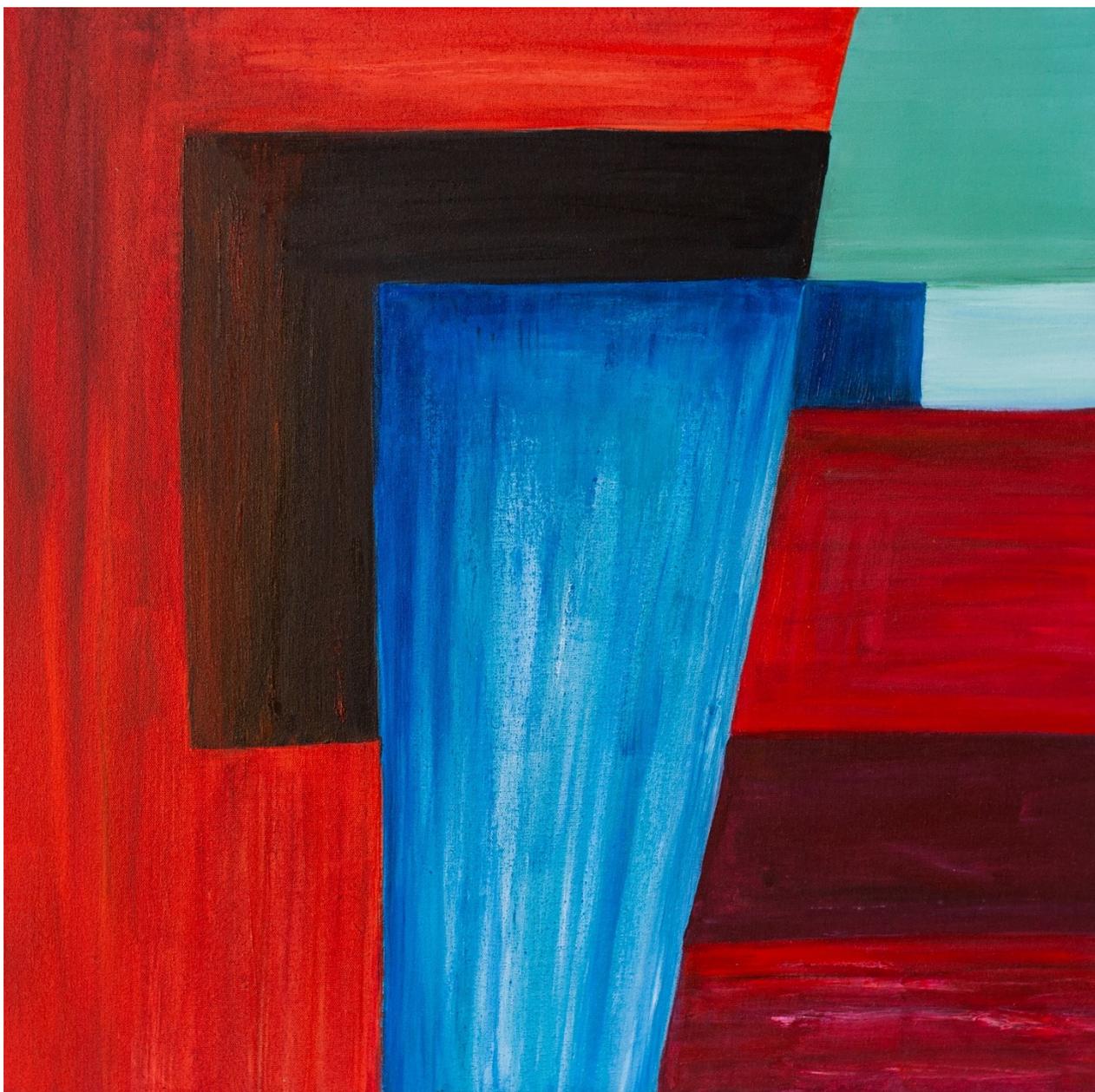
Em obras; fotografia, impressão fine art; 30 x 42 cm; tiragem 10; 2014

Luah Jassi



Camaleão; carvão e acrílica s/ tela; 60 x 50 cm; 2023

Lucia Lyra



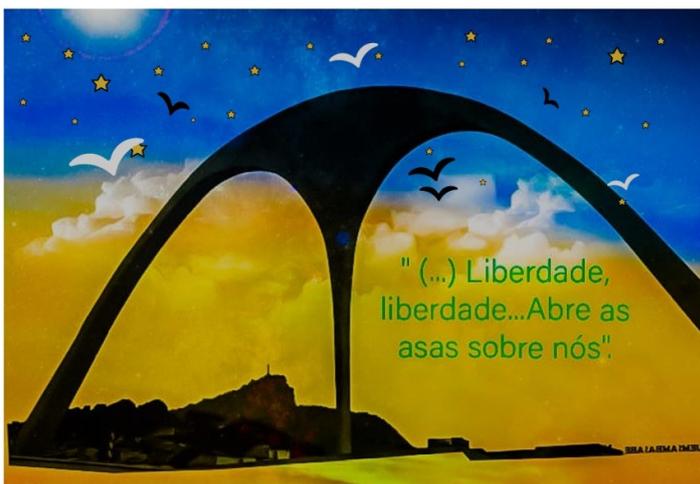
Abstrato HR-08; acrílica s/ tela; 60 x 60 cm; 2018

Luciane Villanova



Liberdade; fotografia digital, impressão fine art em papel Hahnemuhle Baryta Satin 300g.; 30 x 45 cm; tiragem 1/5; 2023

Marcelo Veiga



Liberdade, abre as alas...; Rogai por nós; We Shall overcome (homenagem ao orgulho LGBT; ao bloco das Piranhas, movimento carnavalesco em Praia Seca, Araruama - RJ); arte digital, colagem; 21 x 29 cm; tiragem 6 (cada); 2023

Maria Beatriz Trevisan



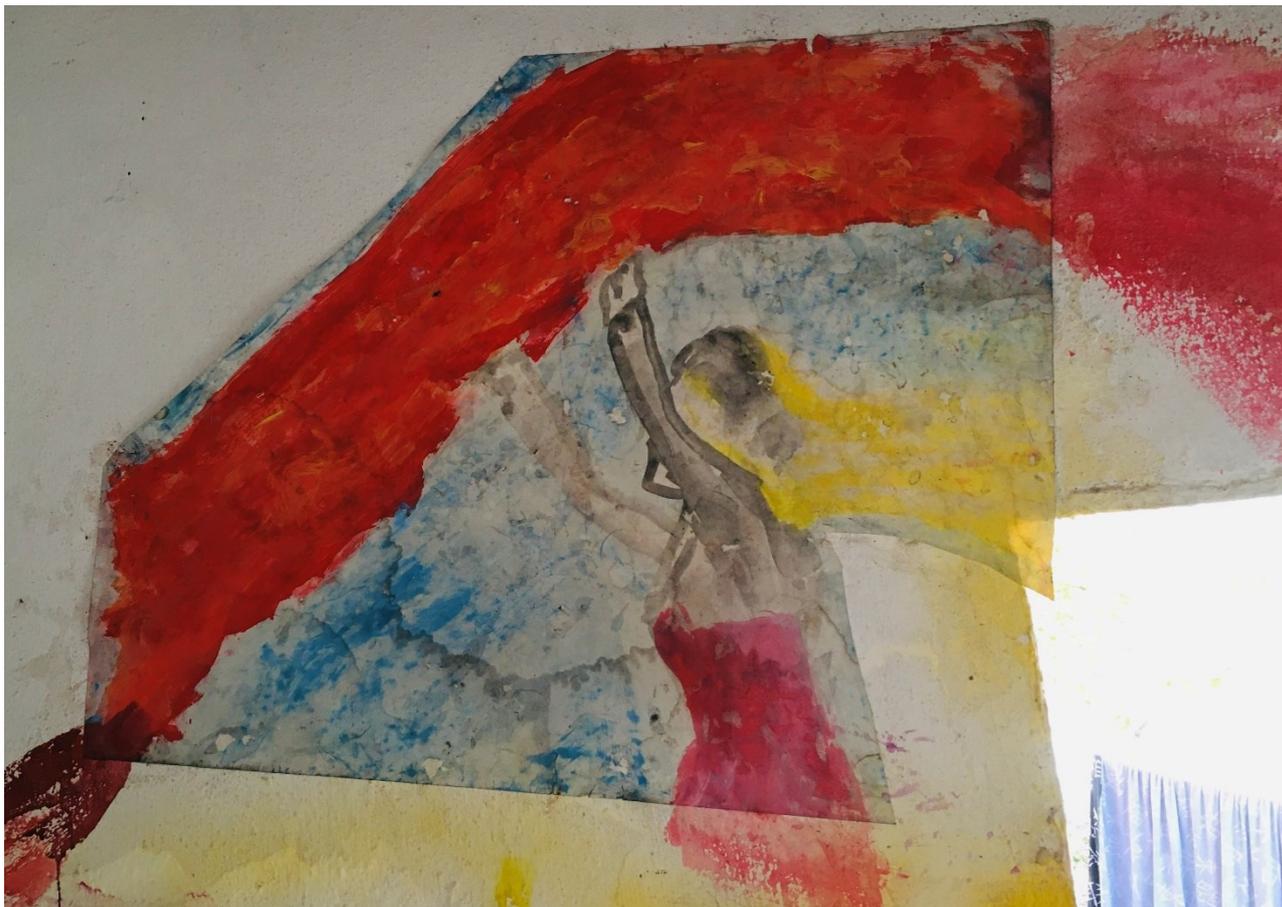
A Celebração; técnica mista: acrílica, pastel s/ papel Kraft 200 gr.; 50 x 36 cm;
2023

Maria Cecilia Leão



Trabalhadores; desenho s/ papel Canson Aquarelle 200m/g²; 40 x 60 cm; 2023

Marta Bonimond



Sem título; afresco; 60 x 80 cm (aproximados); 2023

Maurício Theo



Mulheres Barbadas; fotografia digital, impressão fine art; 30 x 40 cm; tiragem 1/5; 2018

Nilton Pinho



Sem título; assemblagem s/ tela; 43 x 42 x 12 cm; 2023

Noemi Ribeiro



Bianca - O Verdadeiro ouro de Minas Gerais; composição digital a partir de fotografias de Diamantina/MG da artista; impressão fine art em papel 100% algodão Canson; 25 x 32 cm; tiragem única; 2017/2023

Paulo Mittelman



Humano – 1; fotografia, impressão em papel de alta qualidade, com tinta de pigmento mineral; 30 x 40 cm; tiragem 10; 2008

Regina Moura



Liberdade em azul; monotipia, impressão fine arts s/ papel; tiragem 5; 48 x 35 cm; 2023

liberdade em azul,
uma alegoria da liberdade em um novo tempo,
tempo de paz...e debaixo do céu azul
poder dançar a esperança, a igualdade e a fraternidade

Roberta Salgado



Liberdade, liberdade; arte digital, impressão em papel autocolante; 21 x 29 cm; tiragem única; 2023

Rose Aguiar



Liberdade para as abelhas; fotografia digital, impressão fine art em papel
Hahnemühle; 40 x 30 cm; tiragem 5; 2023

Rose Nobre



Que Liberdade?; técnica mista; 30 x 40 cm; 2023

Sandra Schechtman



Aquele sorriso; fotografia com interferência, impressão em papel fotográfico sem moldura; 80 x 53 cm; tiragem 10; 2023

Silvana Godoi Camara



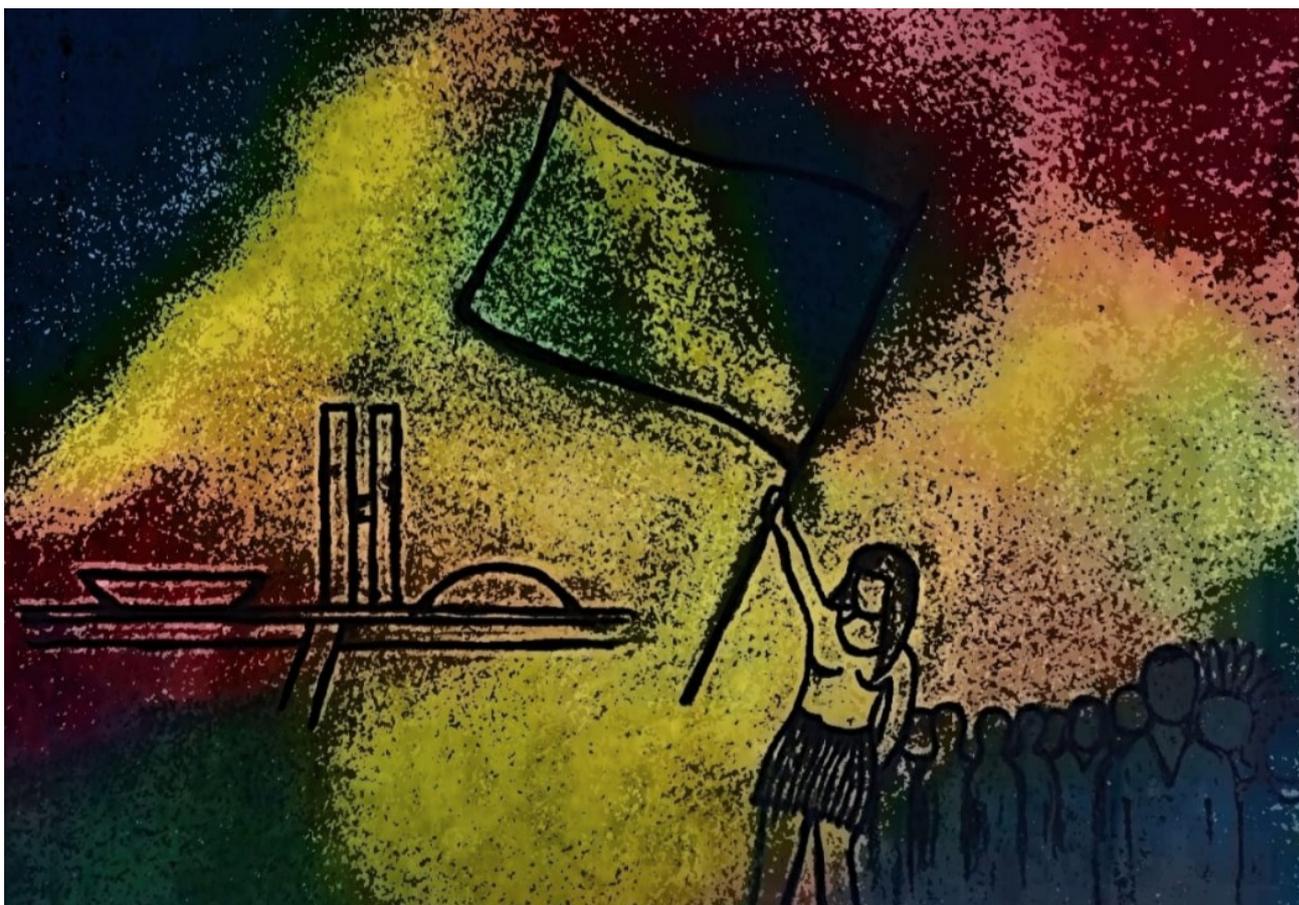
Glória; técnica mista, pintura e colagem digital, impressão em Canvas Canson Pro 385g; 30 x 42 cm; 2023

Sissi Kleuser



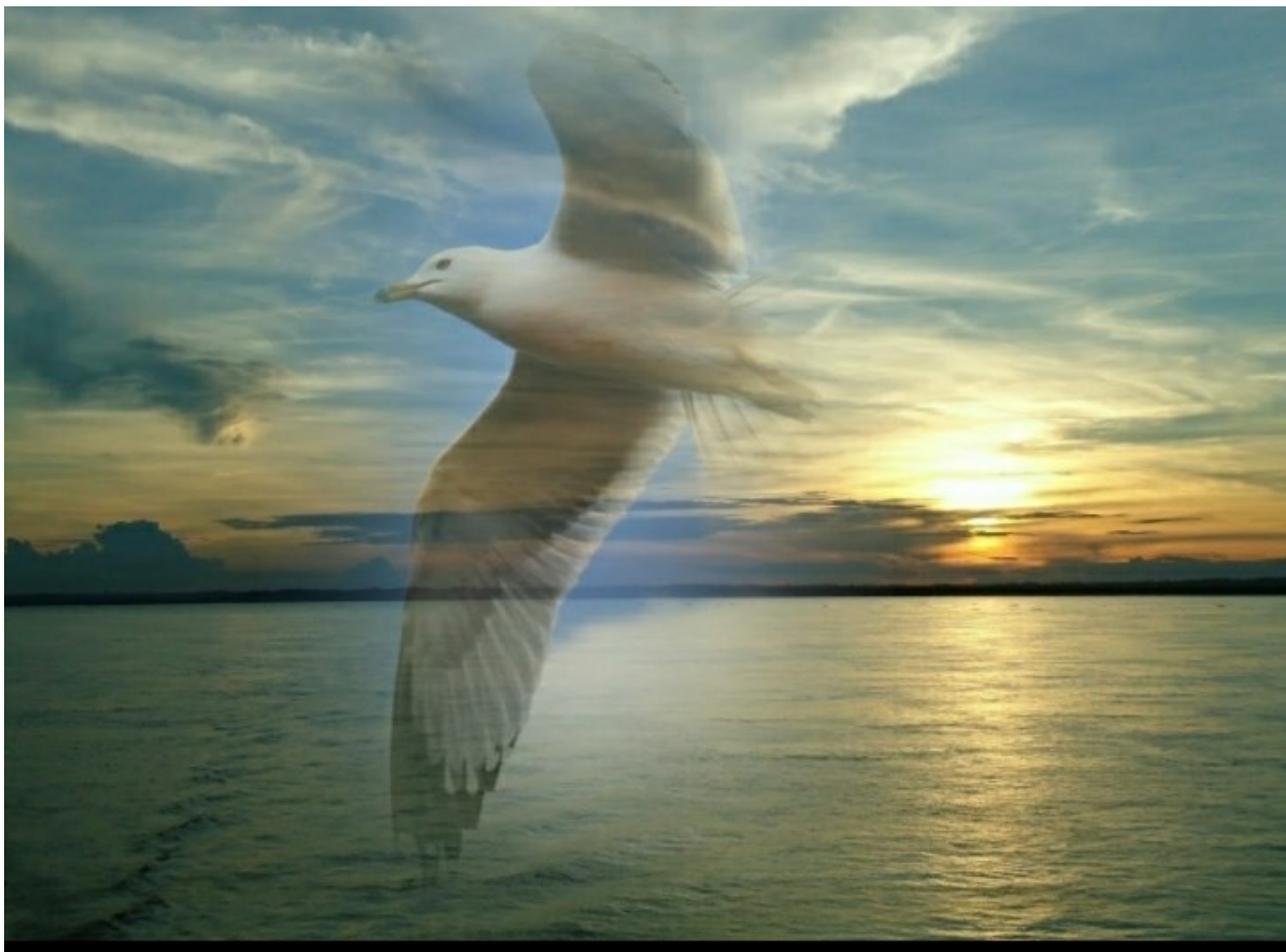
Liberdade; acrílica s/ tela; 90 x 60 cm; 2021

Téssara



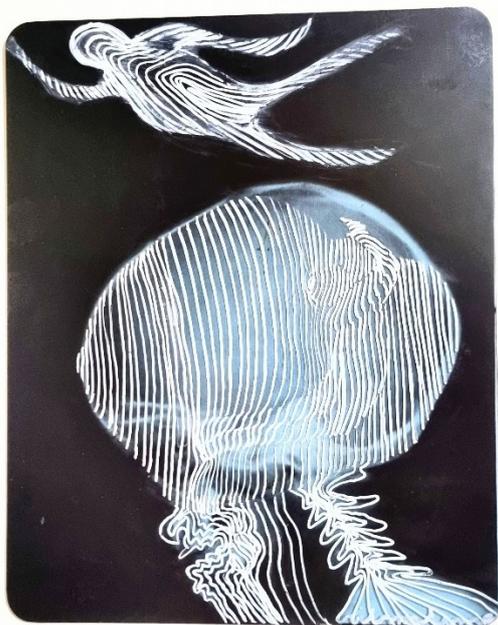
Novas Conquistas; monotipia; 30 x 40 cm; 2021

Vania Pena C



Total Liberdade; fotomontagem, impressão fine art; tiragem 1/10; 15 x 21 cm; 2023

Vilma Lima



Abstração; caneta watercolour sobre negativo de RX (frente e verso); 29,8 x 13,8 cm; 2021